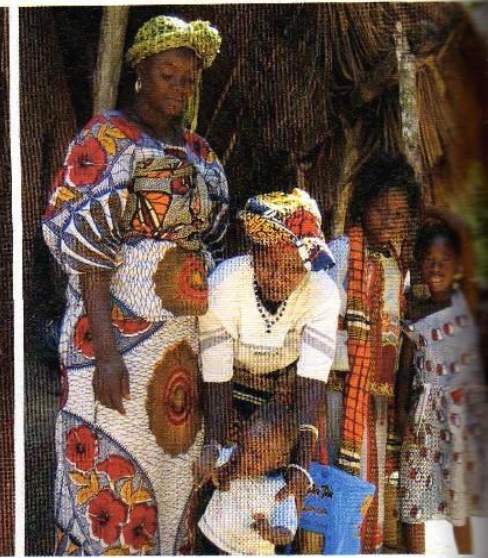
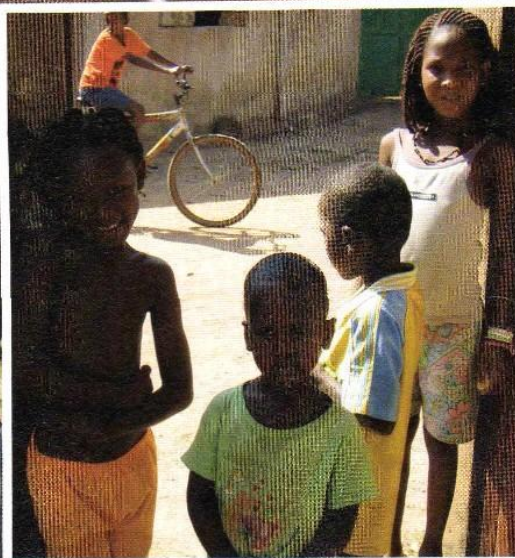
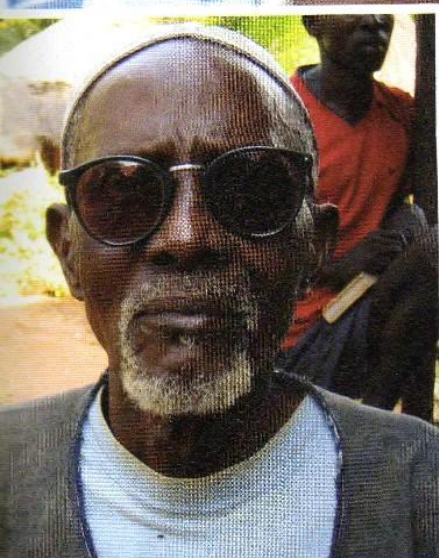
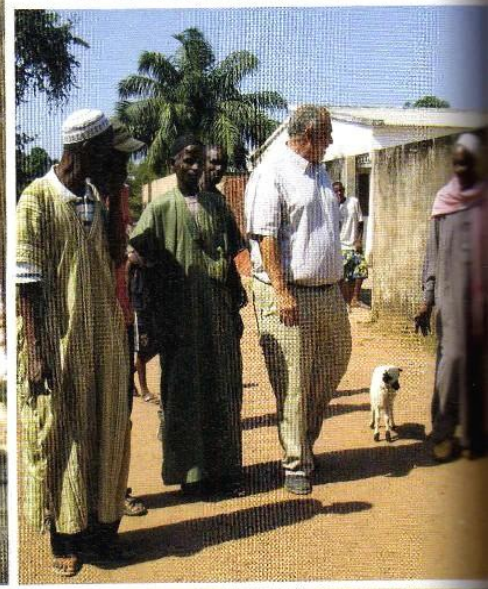
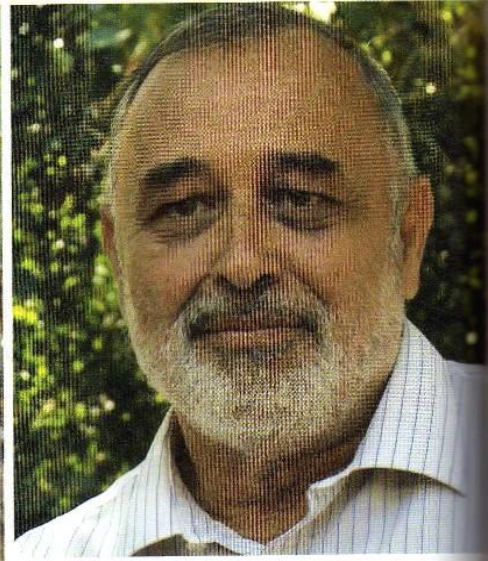


2 **SALVANDO O PLANETA**
SAVING THE PLANET



AÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO / ACTION FOR DEVELOPMENT

Com a Ação para o Desenvolvimento, o que está em marcha é a luta contínua pela cidadania para os guineenses.

The ongoing struggle for Guinean citizenship is what Ação para o Desenvolvimento (Action for Development) is all about.

por / by MARIA JOÃO GUARDÃO



A mulher faz um ângulo reto com o corpo, meia dúzia de ramos secos à mão para dar de comer ao fogo. Outras três empilham pratos e colheres com os bebês às costas. O dia é de festa, o almoço também, galinha a juntar ao arroz que alimenta dia sim, dia sim a Tabanca de Catesse, no sul da Guiné-Bissau. A estrada de terra batida que leva à aldeia atravessa a Mata de Cantanhez, campo de batalhas e vitórias do movimento de luta de libertação guineense, primeira das antigas colónias portuguesas em África a declarar-se país independente (em 1973, meses antes da revolução que pôs fim à ditadura em Portugal). Em Catesse as revoluções continuam a acontecer. Ali naquela cozinha, por exemplo, onde o típico fogão africano, três pedras em cima de uma fogueira, deu lugar a um bloco retangular com duas aberturas à superfície, para as panelas, e outra em baixo, para a lenha. “Chamamos-lhes fogões melhorados porque conservam a energia. Com dois pedaços de madeira consegue-se cozinhar uma refeição, quando no sistema antigo era preciso muito mais lenha e tempo. E não exige mais do que aquilo que nós temos aqui, é feito com uma mistura da argila das termiteiras, palha de arroz e excrementos de vaca. Com isso consegue-se transformar completamente a vida de uma mulher: porque ganha o tempo em que não está a cozinhar, porque não precisa de andar três quilómetros por dia em busca de lenha, porque deixa de estar em confronto direto com o calor que lhe afeta a saúde. Em Catesse, todas as casas têm hoje este tipo de fogões e foram as mulheres que os adotaram e vulgarizaram a partir dos primeiros que se puseram lá.”

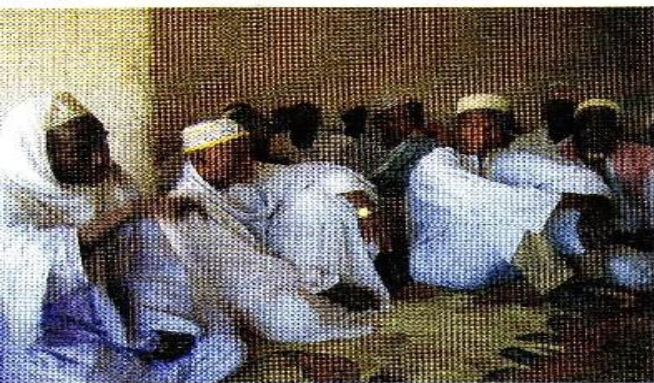
O ‘nós’ por trás destas palavras é a Ação para o Desenvolvimento, uma ONG fundada há vinte anos por Carlos Schwarz da Silva, guineense, nascido em Bissau em 1949, que só exerceu o nome enquanto se fazia engenheiro agrónomo em Lisboa. Na Guiné-Bissau, aonde regressou em 1977, todos o conhecem como Pepito, fundador do DEPA (Departamento de Experimentação e Pesquisa Agrícola) no período pós-independência, e batalhador incansável pela cidadania e pelo desenvolvimento, contra a insegurança

As she bends down, she forms a right angle; a to feed the fire lie close three women with baby carry stacks of plates and spo to celebrate, and so is lunch added to the staple rice that out, feeds the people of Guinea-Bissau. The dirt road village cuts through the C victorious battlefield for the movement. Guinea-Bissau its independence in 1973, a before the Revolution brought dictatorship in Portugal. In still take place today. In the ple, the typical African stove a fire, has given way to a rectwo openings on the surface ther below for firewood. “Vved stoves because they co two pieces of wood, we meal, whereas with the old lot more wood and time. what we have here; they’r ture of clay from termite and cow dung. This alone tely transform a woman’s because she doesn’t need metres to look for firewood directly exposed to heat th Today, all houses in Catesse stoves, and it was the v them and made them pop started to appear.”

The ‘we’ behind these Action for Development, by Carlos Schwarz da Silva in Bissau in 1949, he only when he worked as an a Lisbon. In 1977, he returned where he is simply known of DEPA (Department for Agricultural Research) in ce period, and a tireless zenship and development

III **“A Guiné-Bissau tem trinta e duas etnias: são trinta e duas maneiras de pensar diferente, de dançar diferente, de filosofias de vida diferentes. É uma riqueza extraordinária se todas forem consideradas como elementos que potenciam a união”**

III **“Guinea-Bissau has thirty-two ethnic groups: that's thirty-two different ways of thinking and dancing, thirty-two different life philosophies. If all of these are viewed as elements that maximise unity, then this represents an extraordinary wealth”**



alimentar e as más práticas do Estado. A capacidade de mobilização, aprendeu-a na luta estudantil, nunca foi de ficar à espera: “Em vez de fazermos uma lista das dificuldades, daquilo que o país não tem, apostamos naquilo que tem. A Guiné-Bissau tem trinta e duas etnias: são trinta e duas maneiras de pensar diferente, de dançar diferente, de filosofias de vida diferentes. É uma riqueza extraordinária se todas forem consideradas como elementos que potenciam a união”. São estes saberes que Pepito privilegia nas reuniões com os mais velhos, na festa com os mais novos, nas conversas com mulheres e homens de experiências variadas, muitos dos quais ousaram seguir as práticas informais e eficazes que a equipa do engenheiro agrónomo foi pesquisando e testando ao longo de trinta anos.

Nos seus três polos de intervenção – dois rurais, no litoral norte e no sul, em Cantanhez, e um urbano, no Bairro de Quelélé, em Bissau – a AD é um projeto que se declina na agricultura e no ecoturismo (com base no Parque Nacional de Cantanhez, “um turismo centrado nas comunidades locais, virado para a natureza, para a valorização das plantas medicinais, dos animais que existem aqui – elefantes, chimpanzés, búfalos, macacos – e dos saberes tradicionais) mas também nas Escolas de Verificação Ambiental (cujo objetivo é levar a escola para dentro da comunidade), nas televisões e rádios comunitárias, na formação com vista à autonomia profissional.

“Há cada vez mais jovens a sair das zonas rurais para a capital, há um grande desemprego e há sobretudo uma grande falta de profissionais para responder aos desafios de mercado. Em Quelélé apostamos na Escola de Artes e Ofícios, com formação profissional que permite rapidamente aos jovens ter o seu próprio negócio (de carpintarias a jardins-escola, passando pela informática) e, paralelamente, fazemos formações comunitárias (tinturaria de panos ou compostas).” A aposta passa por dar a todos espaço e instrumentos para desenvolverem as suas capacidades, seja nas rádios comunitárias (a primeira foi a Voz de Quelélé, hoje existem trinta e três por todo o país), nos pequenos negócios (com sistemas de microcrédito), nas artes, no desporto. “Nós temos o dever e a capacidade de construir uma outra Guiné-Bissau, um país de dignidade, de respeito, de história, de cultura, essa é a nossa Guiné.” ☞

